

Jornalistas em academia

Journalists in Academy

Álvaro José Silva*

Não é incomum – muito pelo contrário – a presença de jornalistas profissionais em academias de letras brasileiras. Isso acontece não apenas aqui no Espírito Santo, mas em outros estados da Federação e também na Academia Brasileira de Letras (ABL). E fica fácil entender esse fato à luz do que é a atividade jornalística.

Se formos até a raiz da quase centenária Academia Espírito-santense de Letras, a AEL, encontraremos a figura de Sezefredo Garcia de Rezende, o jornalista que, juntamente com Alarico de Freitas e Elpídio Pimentel, fundou essa entidade não antes sem convidar para fazer parte da iniciativa Dom Benedito Paulo Alves de Souza, bispo diocesano, e para secretariar os trabalhos o igualmente jornalista Thiers Velloso, fundador do jornal *A Gazeta*.

* Jornalista e escritor. Membro da Academia Espírito-santense de Letras (Cadeira n. 14).



Retratos dos jornalistas Sezefredo Garcia de Rezende e Thiers Velloso.

O profissional de imprensa, assim chamados aqueles que escrevem em jornais, TVs, revistas, rádios ou outros meios de comunicação, inclusive na internet, tem na escrita o seu meio de vida. Por força do ofício possui um texto descritivo, ágil, coloquial e detalhista. Esse tipo de formato de escrita pode ser transportado com pouca dificuldade para as atividades de produção de trabalhos literários. Jornalistas geralmente se tornam romancistas, cronistas ensaístas, contistas e poetas. Alguns fazem mais sucesso nessa área do que na atividade diária da produção de notícias. Ossos do ofício...

Afinal, o que é notícia? Tenho uma definição minha: notícia é fato de interesse público. Simples assim; se alguma coisa só interessa a mim ou ao meu pequeno grupo, é assunto privado. Mas se pode despertar o interesse de uma comunidade heterogênea, mesmo não sendo ela tão grande, então estamos diante de um fato noticioso. De uma notícia.

O escritor, sobretudo o historicista, memorialista ou então aquele que prefere lidar com fatos, faz na literatura o mesmo que os profissionais de comunicação exercem na vida diária. Ele, ao produzir, ao se entregar a uma história e fazê-la para um público ler, está produzindo como o jornalista faz no dia-a-dia. Sem tirar nem por. Até mesmo o ficcionista, ao criar fatos e relatos, está desenvolvendo uma construção de texto muito parecida.

O homem que escreve num jornal, por exemplo, tem um compromisso para com a realidade dos fatos. O romancista ou contista, não. Ele é livre para criar, para fugir ao fatural, para navegar pela ficção e está quase fazendo a mesma coisa no que toca à técnica de elaborar o esquema de uma história, coloca-la no seu computador – no passado era na máquina de escrever - e dar-lhe forma definitiva.

Amo imensamente um gênero hoje muito apreciado e que é o meu no ramo literário: o romance que mistura ficção com realidade e constrói histórias desafiando o leitor a separar o fato do imaginário. Quando bem trabalhado esse “gênero” é muito bom. E no universo literário atual, tanto brasileiro quanto de outros países, tem feito bastante sucesso.

Quando fiz minha formação superior na Ufes, diplomado que sou em Comunicação Social, o curso engatinhava. Era engraçado porque uma das minhas professoras e que lecionava Jornalismo Impresso, era minha redatora no jornal no qual trabalhávamos. E onde eu era editor. Então pela manhã ela me dava aulas na Universidade e à tarde e à noite se tornava minha subordinada na redação do jornal nas correções dos textos dos repórteres da Editoria de Esportes.

Se pegarmos o livro *Patronos e acadêmicos* (RIBEIRO, 2010), que nos mostra todo o universo de participantes da AEL desde sua fundação, vamos ver como é grande o número de imortais que, principalmente no passado, têm em seus currículos o jornalismo. Coisas como “advogado e jornalista”, “professor e jornalista”, etc. Nos casos mais recentes isso vai aos poucos ficando menos comum. Hoje os acadêmicos em cujo currículo aparece a atividade jornalística como sendo sua profissão, efetivamente o são ou foram.

O que acontecia no passado? Ocorria que não havia a regulamentação profissional do jornalismo. E muito grande era o número de pessoas que ingressavam na atividade porque ela satisfazia seu ego, conferia-lhe um certo

grau de poder ou então era um emprego capaz de custear os estudos enquanto o indivíduo não se formava na especialização escolhida.

A profissão de jornalista foi regulamentada somente pelo Decreto-Lei nº 972, de 17 de outubro de 1969. Mais adiante ele seria modificado pela Lei nº 66.612, de 07 de dezembro de 1978. Finalmente, depois de anos de torpedeamento da atividade, a regulamentação caiu por terra em decisão judicial. Hoje novamente qualquer pessoa pode exercer o jornalismo, mesmo sem formação específica de terceiro grau em Comunicação Social.

O argumento usado para a desregulamentação da atividade jornalística era e é tosco: a liberdade de expressão. Ora, eu também tenho o direito à liberdade de expressão jurídica contanto que para isso faça o curso superior de direito. Simples assim. E no jornalismo, ontem e hoje, qualquer pessoa pode ser articulista, autor de textos técnicos e outros.

Então, desde o início da década de 1960 havia uma longa luta pela regulamentação profissional do jornalismo. E mesmo com a regulamentação de 1969, aqueles que já exerciam a atividade podiam continuar a fazê-lo caso pudessem comprovar que já eram profissionais há dois anos. E também era possível obter o registro de “jornalista provisionado” até a conclusão do curso superior específico, caso essa fosse vontade. Esse foi o meu caso pois iniciei minha vida de trabalho com registro de provisionado.

Quando comecei a trabalhar na profissão, ainda sem sonhar em um dia ingressar na Academia de Letras, tinha muitos colegas de redação que eram estudantes de medicina, direito, engenharia e até biblioteconomia. No último caso alguns profissionais permaneceram no jornalismo trabalhando nos hoje extintos departamentos de pesquisa, e como bibliotecários. Nos demais as pessoas estudavam, concluíam os cursos e depois deixavam a atividade jornalística para seguirem seu outro destino profissional. E em alguns casos, poucos, mas que

vale a pena registrar, acabavam se apaixonando pelas redações de jornais, rádios, TVs, etc. e jamais iam embora.

Portanto, o jornalismo faz parte da história da AEL e das suas congêneres estaduais, além da ABL. Hoje, por exemplo, os profissionais da área estão ingressando ainda na idade adulta nas atividades acadêmicas ao contrário de no passado, quando essa era uma decisão de terceira idade, como uma aposentadoria na qual a pessoa deixava de trabalhar, mas não de se encontrar mensalmente com os demais confrades para ao menos tomar um chá e papear nas reuniões solenes que eram realizadas. Isso acontecia muito com membros do Poder Judiciário. Um desembargador aposentado foi o acadêmico que sucedi, cuja cadeira ocupei depois de sua morte.

O titular das cadeiras da Academia de hoje são pessoas que, independentemente de sua idade e profissão, estão no auge da atividade literária, intelectual, ou em busca desse ápice. É grande o número de obras literárias lançadas atualmente por acadêmicos do Espírito Santo e de outros estados. Produz-se muito, talvez hoje como nunca antes.

Seria errado dizer que os jornalistas moldaram as academias de letras e a do Espírito Santo também. Mas é igualmente incorreto não admitir que é o texto de qualidade jornalística que contribui muito para a ampliação do universo de leitores num país como o Brasil, onde nos falta até mesmo livrarias e onde o hábito de ler passa a anos luz de distância dos primeiros lugares nas prioridades do homem comum.

Muito provavelmente Sezefredo Rezende e Thiers Velloso não tivessem, há cem anos, condições de imaginar o que haveria pela frente no caminhar da Academia que estava sendo fundada naquela Vitória ainda do início do Século XX. Era impossível antever essa longa caminhada cheia de percalços, de épocas de atividades até mesmo paralisadas e de lutas, muitas lutas, ao longo do caminho. Mas certamente eles teriam feito de novo como estava sendo realizado em 1921.

O destino justifica a caminhada.

Referências:

RIBEIRO, Francisco Aurelio (Org.). *Patronos e acadêmicos*. 3. ed. Serra: Academia Espírito-santense de Letras; Secult-ES; Formar, 2010.